

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLI)

NOVOS DESAFIOS, 135 ANOS DEPOIS

Vou repetir o que foi lembrado várias vezes, a história dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, dito mais diretamente, dos nossos/as nonos/as, bisnonos/as ou trinonos/as, continua ainda hoje e continuará indefinidamente, mesmo quando seus descendentes tiverem esquecido suas raízes. Basta observar as pesquisas dos historiadores e antropólogos que buscam as origens milenares dos povos que habitavam o Brasil antes da chegada dos europeus. Eles na precariedade da tradição oral, sem a escrita, não conservaram a história de seus ancestrais. Tudo ficou conservado nas lendas de suas origens mitológicas. Atualmente com o conhecimento do ADN fica mais fácil. O mesmo processo de resgate histórico pode ser aplicado às origens das línguas, das religiões, da arquitetura, da agricultura, da organização familiar, enfim de todas as atividades humanas.

Isso lembrado, voltemos à história dos imigrantes, em especial, ao interesse ou não de conhecer e, o que é mais importante, preservar a história desta cultura. Em todas as suas manifestações. Nem sempre as pessoas gostam e se interessam pela história de sua família. Outros fazem longas pesquisas para escrever a trajetória dos antepassados, desde o vilarejo da Itália, passando pelo primeiro local de sua instalação no Rio Grande do Sul até chegar aos descendentes espalhados por diversos estados brasileiros e até no exterior. Aí estão os inúmeros encontros de famílias que reúnem centenas de descendentes para lembrar e festejar a saga de seus antepassados. Certamente estes encontros e estas pesquisas, futuramente, vão ser de um valor incalculável para compreender uma das páginas mais ricas já escritas no Rio Grande do Sul.

Neste sentido podem ser citadas muitas iniciativas para preservar e manter viva e, o que é mais importante, atual a história da imigração Italiana. Entre elas, sem desmerecer outras, pode-se sublinhar três pela grandeza de suas repercussões. A primeira, sem dúvida, é o fabuloso trabalho desenvolvido pelo falecido Frei Rovílio Costa a partir das festividades do centenário da imigração italiana, em 1975. Outra iniciativa, não menos meritória, é o esforço de reconhecer o Talian como língua do patrimônio histórico e cultural, no mesmo nível que as línguas indígenas, graças ao movimento comandado, em especial pelo Dr. Paulo Massolini, através de encontros anuais reunindo, escritores, pesquisadores e comunicadores em Talian. Por último, uma iniciativa menos conhecida, mas reconhecida por ser uma fonte de informações para encaminhar a dupla cidadania, é o Centro Genealógico de Nova Palma, fundado pelo Padre Luizinho Sponchiado, recentemente falecido. Ele conseguiu reunir, depois de consultas exaustivas em arquivos históricos de Porto Alegre e do Rio de Janeiro, um farto documentário histórico, em especial, sobre os grupos vindos à Quarta Colônia, Silveira Martins e suas genealogias.

Hoje o Centro Genealógico, orgulho de Nova Palma, está confiado à administração municipal e está aberto a todos os interessados, em especial, a aqueles que buscam dados confiáveis para identificar seus avós ou bisavós e seus locais de origem.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLII)

PORQUE PENSO ASSIM

A história, para muitos, é simplesmente o que aconteceu no passado, sem nenhuma possibilidade de mudança. Não é isso que acontece. Os fatos, isto é, o que aconteceu é irreversível, mas a interpretação dos fatos é que muda. Por exemplo, para ficar dentro do nosso contexto histórico da imigração, as terras devolutas, de fato, não eram devolutas. Tinham donos, os índios. Eram milhares. Condição reivindicada pelo grito de Sepé Tiarajú: "Essas terras têm dono". Não adiantou, as armas dos bandeirantes o silenciaram.

Não é preciso relembrar o maior conflito entre colonos e índios coroados, comandados pelo cacique Marau. Santo Claudino Verzeletti, em seu livro *As Correntes Migratórias no Desenvolvimento de Passo Fundo*, lembra outros chefes indígenas que lutaram para defender sua gente e suas terras diante do avanço dos colonizadores que, para eles, eram invasores. Foi inútil. Será que esses chefes indígenas mereceriam uma condecoração? E os imigrantes eram colonizadores ou invasores?

Feitas essas questões, para lembrar, reproduzo o seguinte trecho, publicado em 08.03.2008: "Um determinado indivíduo resolveu investir na construção de um prédio de apartamentos já que na cidade escolhida havia grande demanda, motivada pela existência de boas instituições de ensino. Assim que encontrou um terreno bem situado, procurou o proprietário sem intermediários. Ao saber que ele pedia R\$ 150.000,00 (preço atualizado), se assustou. O comprador pediu para ir até o local do terreno. Depois de um tempo de silêncio ele disse: se me permite, vou lhe fazer umas observações. O senhor vê, o seu terreno, até poderia valer o que o senhor pede, mas ele está do lado de um grande colégio, fica difícil alguém suportar todo dia a gritaria da criançada; ali em frete está um pronto socorro e logo adiante, na esquina, está uma delegacia. O senhor imaginou o incômodo dos toques das sirenes das ambulâncias e da polícia. Assim fica difícil construir aqui.

O proprietário ficou pensativo. Ninguém lhe havia feito essas observações. Talvez, pensou, seria por isso que não conseguia vender. O negócio foi fechado em cem mil reais.

Passados uns dois anos, o antigo proprietário passando por lá viu um grande edifício de apartamentos à venda. Lá estava o comprador que não o reconheceu. Aí perguntou o preço dos apartamentos. Desta vez, foi ele que achou muito caro. Então o antigo comprador lhe explicou. O senhor vê aqui do lado está o colégio, nem precisa atravessar a rua para levar as crianças à escola. Ali em frente está o Pronto Socorro, nem precisa de ambulância, basta uma maca. Mais para lá está a Delegacia como garantia de segurança".

Este fato, ou lenda, foi lembrado para dizer que daqui em diante serão abordadas questões atuais sem a intenção de dizer a verdade, mas para pensar. Talvez, provocar o leitor a refletir sobre sua posição, sobre os argumentos de que se vale para afirmar ou negar ideias, atitudes ou valores. Ninguém é dono da verdade. O importante é saber por que defendemos tal ponto de vista. Neste caso é fundamental saber quais as fontes de informação que cada um utiliza para chegar às suas conclusões.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLIII)

CONTINUIDADE E RUPTURA – ENCONTROS DE FAMÍLIAS

A história, seja coletiva seja individual, acontece num processo de linhas contínuas e, também, de rupturas como forma de redefinir seu desenvolvimento. A linha contínua da história dos imigrantes está nos ideais de uma vida digna. Em busca desses ideais foi preciso deixar a terra natal e reconstruir uma nova terra natal em outras regiões. Esta foi, certamente, a grande ruptura que obrigou aos imigrantes a iniciar um novo capítulo de sua história, ainda não suficientemente avaliada para quem nunca havia saído de seu vilarejo.

Seguiram-se outras rupturas, não tão traumáticas, que os obrigaram a se adaptar às novas circunstâncias numa terra estranha, com culturas e costumes diferentes e outras etnias. Um ponto merece ser destacado, as relações com a natureza. A atividade agrícola começava pela luta contra a floresta e os animais selvagens. Na pátria de origem as terras já eram cultivadas a centenas de anos. Aqui a natureza se mostrou uma força resistente e hostil. Surge um enfrentamento entre o homem e a natureza. É este enfrentamento que marcou e marca, até hoje, as atividades agrícolas dos imigrantes e seus descendentes, especialmente diante das políticas ambientais. Aspecto que será retomado mais adiante.

Diante das ameaças de perder suas raízes, os imigrantes sustentaram a continuidade de sua história através da preservação do cerne de sua identidade, formada pelo apego à família, pela fidelidade à fé e à religião, pela confiança na força do próprio trabalho, pela crença nos valores da honestidade e da justiça e pela convivência pacífica entre todos. Em nome desses valores conseguiram absorver e superar todas as ameaças que jogavam contra os ideais de seu universo cultural.

Agora chegou o momento de fixar o olhar sobre o que nós, os descendentes, já de terceira, quarta e, até, quinta geração, estamos fazendo para continuar essa história sem precedentes em território gaúcho ao lado de outras correntes imigratórias.

Um movimento que merece atenção particular, iniciado há algum tempo e que cresce a cada ano, é o dos encontros dos descendentes de famílias pioneiras. Não há estudos sobre a abrangência do significado destes encontros para voltar às raízes das imigrações. Pelas informações e divulgações veiculadas pela imprensa, estes eventos foram iniciativas planejadas pelos imigrantes no Rio Grande do Sul. A etnia italiana estaria na frente destes encontros pela adesão e pela frequência. Outras etnias, notadamente, a alemã e a polonesa, também participam deste movimento.

Para quem acompanha esses encontros de família, fica a pergunta como entender tais festividades?. Sim, numa primeira observação, trata-se de uma festa, mas festa se faz sempre em torno de algum motivo importante. Acredito não errar ao afirmar que o motivo principal é o orgulho de ter vencido na aventura de enfrentar um mundo novo e desconhecido e o reconhecimento de seu trabalho na construção da paisagem gaúcha atual.

Um aspecto, que chama a atenção, é a referência primeira para a família. Nela, parece, estariam as raízes, a força e o sucesso da uma etnia que não se acovardou.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLIV)

ENCONTROS: CELEBRAÇÃO DA FAMÍLIA

Não é novidade que os imigrantes italianos tinham uma predileção pela instituição familiar. Algumas observações já foram feitas anteriormente. Em primeiro lugar pode estar a compreensão cristã da família, espelhada na Sagrada Família. Nela está o início de todo processo educacional. O imigrante tinha a convicção de que a solidez da família assegurava uma personalidade sadia dos filhos e, como consequência, haveria uma sociedade justa.

A doutrina cristã, como já foi lembrado, não era a única referência para o imigrante pensar a família, havia também a referência da família dos nobres, como símbolo de poder, de riqueza e de bem-estar.

Um fator que deve ter contribuído para esses encontros, certamente, deve ser creditado à busca da dupla cidadania. A condição de ser descendente de um imigrante, cidadão italiano, não nacionalizado brasileiro, era a exigência fundamental. Surge assim a busca dos antepassados. O que pode ter colaborado com o desejo de reunir todos os descendentes que estivessem interessados.

Dito isto, parece lógico concluir que as raízes da continuidade da história migratória começam pela lembrança da família dos imigrantes pioneiros. Para eles era impossível pensar indivíduos sadios física e mentalmente sem uma família bem estruturada. Era no interior do lar que começava a formação de autênticos cidadãos para uma nação de todos.

Fica claro que, o encontro de família remontando ao início da imigração, não é um fenômeno simples e casual. Ele tem uma significação muito mais expressiva. Certamente, merece mais atenção dos estudiosos. Por enquanto as fontes de informação mais acessíveis são as programações que acompanham o anúncio do evento, publicado nos jornais como convite a todos os descendentes de tal família que queiram participar. Não há restrições.

As programações, em geral, não apresentam variações. Todas começam por uma comissão organizadora que, voluntariamente, se encarrega do bom andamento do evento disponibilizando telefones e endereços de contatos. Geralmente têm a duração de um dia. A programação inicia pela recepção dos visitantes. A celebração religiosa é o primeiro ato coletivo e solene. Segue-se a apresentação das famílias descendentes com maior ou menor solenidade. O almoço, para não botar defeito pela abundância e qualidade, parece ser o ponto alto das comemorações. Talvez, numa alusão à superação da carestia sofrida na Itália. À tarde seguem confraternizações e, sem muita demora, os de mais longe começam o retorno, já levando na agenda a data e o local do próximo encontro.

Várias reflexões poderiam ser feitas em relação aos objetivos e ao conteúdo destes encontros que poderiam ser resumidas nesta pergunta: O que estamos fazendo para preservar a herança cultural que nossos antepassados trouxeram? Talvez, no final de cada encontro, todos os descendentes presentes, diante da fotografia dos pioneiros com sua numerosa família, poderiam afirmar: nós estamos aqui orgulhosos de vocês. E, em contrapartida, perguntar-lhes: será que vocês estão orgulhosos de nós?

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLV)

LA MAMA

Os encontros foram motivados a partir dos descendentes de um casal pioneiro. Poderiam ter tido outros motivos. Por exemplo, reunir aqueles que viajaram no mesmo navio. Ou os que tivessem o mesmo sobrenome. O que seria muito interessante pela maneira como se originaram os sobrenomes na Itália, que não são garantia de parentesco.

A opção por reunir descendentes de uma mesma família, tudo indica, deve-se ao fato de que ela era a referência maior dos imigrantes. Então, nada mais justo que esses encontros dedicassem uma atenção especial aos temas da família..

Muitos temas poderiam ser sugeridos na preservação do legado familiar sempre levando em conta as grandes transformações em todos os contextos, social, econômico, religioso, científico, tecnológico e educacional. O tema inicial poderia ser a lembrança de como começava a constituição da família, desde a educação da menina e do menino, passando pelo namoro, noivado e casamento, até autonomia plena da nova família, numa repetição sucessiva que parecia permanente.

A situação de hoje, todos conhecem. Dois fatos merecem atenção. A passagem do domínio da ordem rural para a urbana, e os meios de comunicação que provocaram a substituição da reza diária do terço pela assistência obrigatória das telenovelas e noticiários.

Não é preciso muito estudo da história da família dos imigrantes para perceber uma figura fundamental, "a mama", (a mãe). Certamente ela mereceria um momento especial nas comemorações dos encontros das famílias. Muito se tem falado da sua sobrecarga de tarefas na vida familiar. O pai era mais autoridade. A "mama", sempre presente, era a artista que, no carinho de sua rusticidade de hábitos, na sabedoria do seu analfabetismo de ciências, no aconchego de suas palavras simples, dava as condições para que cada filho, e eram muitos, desenhasse sua imagem e projetasse sua vida.

Neste momento nada mais sugestivo para celebrar a mãe imigrante do que transcrever a seguinte mensagem, enviada em 12.11.2010 via Internet – terramagazine, por Edilene Montechesi (SP). "Fiquei maravilhada quando vi a reportagem sobre as fotografias de amor para curar doenças. Sou mãe e fico assustada, aterrorizada com a falta de amor do mundo. Cadê as mães? O que fizeram na cabeça dessas mulheres, seja pobre, rica ou milionária. Não sabem conversar, não tem tempo, são robôs..E nossas crianças estão na mão delas. Que sentimento tenebroso que me aflige em relação a tudo isso, pois minha bebê tem 1 ano e sei o quanto ela precisa de amor, paciência, atenção, mas isso parece que virou palavra repetida, cansativa e colocar em prática pra que? Que mundo de jovens e crianças teremos? Meu Deus, não consigo ver o futuro! Tudo parece tão fácil, tudo pode, e pode mesmo. Não tem censura, não tem valor, não tem educação. Cadê as mães? Elas parecem que estão em extinção! Os meios de comunicação podem reverter essa triste realidade, vamos propagar amor, gratidão, amor ao próximo, amor de mãaaaaaaeeeeeeee!!!! Ai que mundo pobre de cabeça e coração. Precisamos renascer as mães dessa terra".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLVI)

CAMINHOS DIVERSIFICADOS

Falta pouco para completar um século e meio da grande aventura da imigração italiana que, de um lado, retirou da Itália um terço de sua população, de outro lado, se fez presente, com maior ou menor número, em todos os países da América, da Europa e em vários países da África. Houve um quase êxodo. No Rio Grande do Sul chegou uma parcela pequena, se comparada ao restante do Brasil e, mesmo de vários outros países da América, como a Argentina e Estados Unidos.

Este fenômeno emigratório italiano mereceu a atenção de muitos estudiosos, entretanto, é permitido, ainda, afirmar que há muito a se pesquisar. Uma questão bastante intrigante é saber qual a situação destes emigrantes em suas novas pátrias. Certamente varia de país para país. Por exemplo, seria interessante comparar como se deu o processo de integração dos emigrantes italiano, vindos ao Brasil, e aqueles que se fixaram na Argentina, que foram em maior número. Alguns aspectos surgiram no momento em que se pretendeu criar uma unidade de grafia e de gramática de uma possível língua veneta comum. Não houve consenso diante das diferenças surgidas em cada país. Os trabalhos linguísticos, desenvolvidos, especialmente, no Rio Grande do Sul, apontam para uma unidade em torno do Talian, já reconhecida como língua pertencente ao patrimônio histórico e cultural do Brasil, conforme o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, já lembrado.

Neste sentido haveria uma infinidade de temas a serem tratados apenas em relação à imigração italiana no Rio Grande do Sul. Muito já se escreveu sobre as quatro Colônias Imperiais: Conde D'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves), Campo dos Bugres (Caxias do Sul) e Silveira Martins, na região central, mais lembrada como Quarta Colônia. Um tema simples e fácil seria verificar quantos ainda falam o dialeto. Quantas famílias falam diariamente o dialeto. Há alguns levantamentos regionais em que são poucos os que falam o dialeto materno, e, ainda menos, famílias que se comunicam em talian. Na Quarta Colônia, por exemplo, é difícil ouvir conversas em dialeto. A terceira geração não fala e pouco entende. A tendência, apesar de tentativas de estímulo, provenientes de programas radiofônicos, de grupos teatrais, de festivais de cantos, de publicações de livros ou de artigos em jornais, tudo indica que dentro de pouco tempo o talian, lamentavelmente, fará parte das centenas de línguas que vão desaparecendo em todo o mundo. Eu disse lamentavelmente por que com a perda da língua, perde-se um conjunto incalculável de valores culturais, especialmente relacionados ao cotidiano da vida individual e familiar.

Permanecendo na questão das diferenças dos falares dialetais de cada grupo de imigrantes, conclui-se que foram traçados caminhos diversificados de distanciamento entre si, e, tudo indica, chegarão ao mesmo destino, caso nada se modifique, será a sua substituição pela língua oficial da nova pátria de adoção.

A par da questão da língua há outros aspectos culturais do processo imigratório que merecem atenção. Simplificando: que caminhos esses valores culturais estão seguindo?

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLVII)

O PONTO DE PARTIDA

Para melhor entender a diversificação dos caminhos, tema anunciado na semana passada, é importante relembrar algumas situações que marcaram o ponto de partida da longa caminhada dos imigrantes italianos vindos ao Rio Grande do Sul. É a partir da situação e das motivações que levaram tantas famílias a emigrar para um país desconhecido que se pode compreender melhor as diversificações de caminhos, de valores, de ideais, de comportamentos e de projetos de vida. Em nome de que foram adotadas tantas mudanças?

Em termos gerais e simplificados, não há dúvida, que o ponto de partida da caminhada emigratória apresenta uma semelhança comum, com poucas variações. No fundo, todos tinham como objetivo comum, fugir da miséria, livrar-se da opressão dos senhores e buscar uma vida de bem-estar geral, tendo como símbolo maior, se não uma mesa farta, pelo menos suficiente para não mais passar fome.

Para confirmar o consenso geral sobre a grande semelhança entre os nossos antepassados, não é preciso ler as publicações dos historiadores, é suficiente e, talvez, mais comovente ler os 20 depoimentos escritos por 20 descendentes de imigrantes e publicados pela EST no livro: Construtores de História – Famílias Italianas do RS. A maior parte dos textos traz a lembrança de uma vida difícil na Itália, a sofrida viagem marítima e aos fracassos ou sucessos no enfrentamento da nova realidade em terras estranhas.

Essa série de narrativas repetitivas poderia parecer enfadonha ao leitor, entretanto, prestando mais atenção pode-se observar a variedade de sentimentos e vivências de cada depoente. Na apresentação do livro, acima citado, Luis Alberto De Boni, um dos mais conceituados pesquisadores, escreveu: “Cada texto possui semelhança com os demais e, no entanto, possui uma beleza única. Eles se parecem como os irmãos em uma família numerosa: cada um é um e, no entanto, há semelhanças que os unem. Transformado-os em música, poderiam ter um título como: “Variações sobre o sofrimento com finale allegro ma non troppo”.

A seguinte passagem do depoimento de César Augusto Cichelero, publicado no livro já citado, traz outros aspectos comuns a todos os imigrantes e, em particular, de todos os seus descendentes: “A história da minha família não começou quando meu pai e minha mãe se conheceram em 1982, quando eles casaram em 1988 ou quando eu nasci em 1992. A história da minha família começou muito antes, quando um homem e uma mulher (Giovanni Maria Pizzato e Maria Luigia Beal, tataravós), que eu não conheci, trouxeram para o Brasil mais do que se possa imaginar. Eles trouxeram fé, trabalho, alegria, disciplina, muita coragem e muita esperança. E com isso tudo, construíram não só a minha história e os valores que eu tenho hoje, mas contribuíram para construir uma cidade e um estado ricos e prósperos para todos viverem”.

Esse resumo dos traços comuns da maioria dos imigrantes fica mais fácil para cada um identificar e julgar a continuidade ou ruptura desta história de valores culturais.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLVIII)

RUPTURAS E INOVAÇÕES

A evolução do universo aconteceu e continua acontecendo graças a um processo de mudanças e de transformações, iniciado, provavelmente, há muitos milhões de anos e que se opera por uma contínua cadeia de rupturas e inovações. Por isso, os arqueólogos se dedicam a uma tarefa, por muitos, considerada inútil, de pesquisar como era o nosso planeta Terra há milhares, milhões de anos atrás. O passado, para os historiadores, sempre foi a chave principal para entender o presente. Por nada não se diz que a história é a mestra da vida. Em relação à história dos seres humanos, hoje, os avanços da biologia molecular abriu as portas para estudar o genoma humano. Assim os exames do DNA escrevem com plena segurança a história biológica de cada um. Ninguém desconhece o amplo uso do DNA para identificar indivíduos, parentescos biológicos e descobrir a paternidade. Sem dúvida, no futuro, poderá ser aplicado em muitos outros casos.

Por exemplo, voltando ao livro citado, Construtores de História, Homero Farias Eschiletti procurou, como tantos outros, a história da família de Anacleto Eschiletti, nascido na Itália em 1865, tendo casado com Ângela Meneghetti, em Porto Alegre. Primeira surpresa de Homero: Na Itália nenhum sinal do sobrenome Eschiletti. Única referência, ele era filho da "Roda dos Expostos". (Procedimento criado pela Igreja Católica para recolher os filhos rejeitados pelas famílias). Ficou difícil, quase impossível, chegar aos depositários. Entretanto, hoje seria possível, através de exames de DNA feitos em famílias da localidade, chegar aos seus pais. Uma tarefa, por enquanto, longa e dispendiosa, mas não impossível.

Ainda no contexto da área biológica, no campo da saúde, referente à herança genética, desde 1925, se sabe que os descendentes de italianos e povos que vivem na região do Mediterrâneo podem ser afetados pela doença chamada Talassemia. (Doença do sangue, de natureza hereditária, denominada também de Anemia do Mediterrâneo).

Essas observações nos mostram a importância da história para entender o presente, não apenas na esfera biológica, mas em todas as dimensões da vida humana. A história de cada cultura revela as rupturas e inovações que aconteceram no decorrer de séculos e milênios. Muitos exemplos poderiam ser dados, mas, para entender, basta prestar atenção sobre o que aconteceu durante os 135 anos de imigração italiana no Rio Grande do Sul. Para isso não é preciso fazer muitos estudos. É suficiente lembrar a história da família a partir do dia que os primeiros antepassados chegaram ao Rio Grande do Sul e identificar o que foi preservado, não só de objetos, mas de valores, costumes, educação, projetos de vida ou ideais; e o que foi esquecido ou substituído por outros valores, projetos ou costumes. Tomemos dois fatos do cotidiano, o vestuário e a alimentação. As fotografias, mesmo raras, mostram as mudanças no vestuário. A alimentação, um pouco mais difícil, mas os relatos conseguem mostrar que a polenta era a rainha da mesa. Ainda na década de 1940 havia famílias que comiam polenta nas três refeições. E não abriam mão. E atualmente?

O objetivo maior será identificar o que aconteceu no cerne cultural dos imigrantes.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXLIX)

NOS CAMINHOS DA FAMÍLIA

Uma leitura mais atenciosa dos múltiplos estudos sobre a cultura italiana mostra que a maior parte deles sublinha três pontos fundamentais: a família, a religião ou a igreja e a escola. Entre essas três instituições, certamente, as duas primeiras, família e igreja, mereceram uma valoração maior na mente e no comportamento de quase todos os imigrantes e na primeira geração de descendentes. A escola, embora houvesse interesse, como a maioria era analfabeta, ficou em segundo plano.

Sobre a importância da família já foi amplamente celebrada. A imagem da família, descrita pelos pesquisadores, é praticamente consensual. Todos os que se referem ao seu passado sublinham a importância fundamental da herança familiar. As diferenças aparecem, especialmente, no sucesso econômico, no acesso a formação escolar, no aproveitamento de recursos na agricultura, nos hábitos familiares e sociais ou nas práticas religiosas.

A recuperação da história dos caminhos de cada família é muito fácil, qualquer um pode ter acesso, mesmo para aqueles que já esqueceram o nome dos bisavós ou trisavós. É suficiente comparar a sequência das fotografias das famílias do passado até as atuais. Em seguida basta lembrar alguns relatos de como era vida naqueles primeiros tempos e comparar de como se vive hoje. Muitos aspectos são imediatamente identificados.

O lugar da família na imigração italiana não era diferente das outras imigrações que viviam o Cristianismo, e acreditavam que uma sociedade justa começava pela família bem estruturada. As histórias familiares eram inspiradas nas doutrinas da Igreja, mas várias mudanças podem ser lembradas. Por exemplo, o média da dezena de filhos ficou reduzida a dois. Não se pode esquecer a adoção do cachorrinho de estimação. Em relação à instituição do matrimônio, não há muita preocupação com o ritual religioso ou a legalidade civil.

Por fim, é bom lembrar o questionamento à compreensão tradicional da família, apresentado por José Clemente Pozenato em sua obra, *O Quatrilho*, (romance e filme). Ele acha que havia uma máscara idealizada que ocultava a real família. Pierina, ao assumir o estado de amasiada e ao enfrentar a autoridade religiosa, não na rua, mas na igreja, na hora da missa, diante do celebrante paramentado, contesta a família e a igreja ao mesmo tempo..

Os tempos mudaram e as crenças também. O seguinte fato pode exemplificar. Quando os Ingleses dominaram a Índia, no século XIX, concluíram que, para combater a miséria, seria necessário investir na educação familiar. Em resumo, diminuir o número de filhos. Assim elaboraram dois tipos de painéis. Um tipo representava a família inglesa: uma bela casa, com jardim florido e o casal com dois filhos, todos saudáveis, bem nutridos e vestidos e, como complemento, um cachorrinho. O outro tipo mostrava a família indiana: um casebre, pátio de chão batido, o casal precocemente envelhecido com número exagerado de filhos, todos mal alimentados e mal vestidos. Diante desses painéis, os indianos, observando a família inglesa, concluíram: "coitados não puderam ter mais filhos".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CL)

NOS CAMINHOS DA IGREJA

Não há nenhuma novidade em afirmar que as duas instituições, Família e Igreja, estavam, para os imigrantes, umbilicalmente unidas, o que poderia ser dito de todas as culturas. A família tinha, no sacramento do Matrimônio, o fundamento maior, como uma união estável e permanente, excluindo o divórcio. A vida familiar, de fato, privilegiava os atos estabelecidos pela Igreja como seus momentos mais solenes, a saber: Batismo, Crisma, Primeira Comunhão e Casamento, junto às obrigações de participação nas atividades litúrgicas. Ainda, não se pode esquecer a presença da Igreja exigida para os últimos momentos da vida. Por fim, a Igreja estava presente em todas as atividades dos imigrantes.

Já muito se falou da dedicação dos imigrantes na construção de igrejas, capelas e capitéis como manifestação de sua fé na proteção de Deus, especialmente, através do culto aos santos e, mais particularmente, a Nossa Senhora sob múltiplas designações. Em pouco tempo surgia um local de reunião para orações comunitárias que podia começar à sombra de uma árvore. Aos poucos se formava uma comunidade unida para construir um imóvel consagrado às orações, mas que podia servir como ponto de reuniões sociais e escolares

Neste momento, o que se pretende sublinhar é a questão da continuidade ou não desta religiosidade vivida pelos primeiros imigrantes e deixada, como parte fundamental da sua herança cultural, aos seus descendentes.

Inicialmente, para avaliar os fatos, se deve observar que nestes 135 aconteceram muitas mudanças em todos os sentidos. Apenas para lembrar o que já foi dito, havia uma unidade profunda entre a vida familiar e as vivências religiosas. Igreja e família eram duas instituições que se completavam, em parte devido às atividades agrícolas. Com o passar do tempo e de forma muito rápida, especialmente a partir da segunda metade do século passado, começou um aumento da urbanização, a industrialização trouxe novas tecnologias, as estradas e as ferrovias melhoram o transporte, os meios de comunicação, telefone, rádio e televisão, modificaram os hábitos das pessoas e das famílias. Por exemplo, as novelas dificultam ou, até, eliminam os filós e a récita do terço em família. Mas a televisão e o rádio podem transmitir a reza do terço e a celebração da missa a qualquer horário.

No interior da Igreja Católica, como instituição, surge, especialmente, na América Latina, a chamada Teologia da Libertação, que propõe a opção pelos pobres e privilegia os debates de temas sociais, merecendo o apoio de muitos bispos de países latino-americanos e europeus. Em relação à participação popular são organizadas as Comunidades Eclesiais de Base. Tais iniciativas foram inspiradas no Concílio Vaticano II. Entretanto, diante da opção pelo social, formou-se forte oposição da Igreja doutrinal mais conservadora.

Em meio a esse universo de mudanças mundiais, não é de estranhar que a primitiva religiosidade sofresse abalos, que podem começar pela diminuição da frequência às atividades religiosas até a perda da fé herdada e conseqüente adesão a outras igrejas.

Não se pode esquecer que a religiosidade é, no fundo, uma opção de foro íntimo.